

5 Expressões possessivo-existenciais de tempo decorrente na fala dos quilombolas de Muquém

Juanito Avelar

Juanito Avelar é professor doutor e pesquisador no Departamento de Língua da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil. Suas áreas de pesquisa são variação linguística no português do Brasil e o contato entre o português do Brasil e línguas africanas no Brasil.
E-mail: juanitoavelar@uol.com.br

Este trabalho aborda construções de base possessivo-existencial que servem à expressão de tempo decorrente na fala dos quilombolas de Muquém (Alagoas, Brasil), comparando-as com construções do mesmo tipo em amostras de fala do Rio de Janeiro. O trabalho se detém em um contraste relativo ao verbo em variação com *haver* nessas expressões (*ter* na capital fluminense e *estar com* em Muquém), explorando a proposta de que comunidades rurais afro-brasileiras podem evidenciar resquícios de mudanças gramaticais desencadeadas por contato interlinguístico. Conclui-se que a ideia de as expressões produzidas pelos quilombolas refletirem mudanças provocadas por contato deve ser mantida em nosso horizonte de hipóteses, tendo em vista o paralelismo sintático observado entre as estruturas possessivo-existenciais de línguas como o quimbundo e as identificadas no português brasileiro.

Palavras-chave: expressões de decorrência temporal, construções possessivo-existenciais, variação e mudança, variedades afro-brasileiras, contato linguístico

Juanito Avelar is a Lecturer and Researcher in linguistics at the Department of Linguistics, Universidade Estadual de Campinas, Brazil. He has worked in the areas of linguistic variation in Brazilian Portuguese and in the contact between Brazilian Portuguese and African languages in Brazil.
E-mail: juanitoavelar@uol.com.br

The replacement of the verb *haver* by *ter* in Brazilian Vernacular Portuguese led to the emergence of possessive-existential constructions, which allow the expression of both possession and existence. These constructions are found in texts from the nineteenth century, suggesting that the contrasts between the norms in Brazil and Portugal were already well delineated in the period that followed Independence. The speech of the current inhabitants of an Afro-Brazilian Maroon Community in Muquém shows that the use of *ter* as an existential verb did not act as an isolated factor in the emergence of these constructions: the possessive verbal locution *estar com* (and not the verb *ter*) is widely used in place of *haver* to indicate elapsed time. The study argues that the alternation between *ter* and *estar com* in the speech of the Maroons can be a residue of an early morphosyntactic change which culminated in the spread of possessive-existential constructions.

Keywords: temporal expressions, possessive-existential constructions, variation and change, Afro-Brazilian varieties, language contact

Introdução

Um dos temas que têm alimentado os debates sobre a história do português brasileiro diz respeito ao estatuto das diferenças gramaticais entre as variedades brasileira e europeia do português. A questão relevante vem sendo orientada, em grande medida, pela tentativa de determinar se tais diferenças podem ser tomadas como indicativas de que brasileiros e portugueses não estão em posse de uma mesma língua ou gramática. Atréadas a essa questão, destacam-se as indagações sobre o papel que as dinâmicas de contato interlinguístico teriam desempenhado na fixação de particularidades do português brasileiro. Essas questões assumem contornos distintos, a depender, por exemplo, do quadro teórico dentro do qual são abordadas e da concepção de língua/linguagem que as permeia; porém, independentemente da teoria e das concepções em jogo, o estatuto dos contrastes entre as duas variedades do português se mantém no centro das discussões, dando base a hipóteses polarizadas (por exemplo, contato *vs.* deriva) acerca das origens do português brasileiro (vejam-se, a título de exemplo, as considerações de Pagotto (2007) a respeito desse debate).

O objetivo deste trabalho, que é observar construções de base possessivo-existencial na fala de uma comunidade quilombola, está relacionado a uma questão que, direta ou indiretamente, tem mostrado vitalidade nesse conjunto de discussões: que papel deve ser atribuído aos africanos e seus descendentes diretos na emergência de marcas gramaticais cuja observação tem fomentado as discussões sobre a autonomia do português brasileiro como um sistema gramatical distinto do português europeu?

Antes de tratar diretamente desse ponto, cabe fazer menção a um aspecto relacionado às variedades do português emergentes na África: como destaca Petter (2009:171-172) na defesa do que denomina *continuum* afro-brasileiro, as variedades brasileiras e africanas do português compartilham tantos fatos lexicais, fonológicos e morfossintáticos “que fica difícil defender que tais fatos sejam casuais, resultantes de uma deriva natural do português ou decorrentes da manutenção de formas antigas do PE”. Um resultado direto da percepção desse *continuum* está na necessidade de trazer as dinâmicas de contato estabelecidas com línguas africanas para os debates sobre a unidade do português. Isso implica verificar se as línguas africanas relevantes (em particular, as do grupo Bantu) podem ser colocadas ao lado do português europeu como protagonistas na fixação de marcas gramaticais que singularizam o português brasileiro no conjunto das línguas românicas.

Trabalhos como os de Negrão e Viotti (2008), Avelar e Cyrino (2008) e Avelar, Cyrino e Galves (2009), bem como os resultados publicados na coletânea organizada por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) em torno do que denominam *português afro-brasileiro*, reforçam a necessidade de atentar para

as propriedades gramaticais das línguas faladas pelos africanos introduzidos no Brasil. Silva Neto (1977: 91), refratário à ideia de as línguas africanas terem influenciado significativamente o português brasileiro, ressalta que “não basta *haver* semelhanças entre fenômenos de linguagem brasileira e outros das falas americanas ou africanas. É preciso demonstrar que não se trata de evoluções independentes, mas que há filiação dentre elas”. Ainda assim, o autor afirma que existem “cicatrizes da tosca aprendizagem que da língua portuguesa, por causa de sua mísera condição social, fizeram os negros e os índios” (p. 97). Mesmo Naro e Scherre (2007: 182), que estão entre os defensores da hipótese da deriva, reconhecem que “o que aqui aconteceu foi uma ação conjunta das forças genéticas com as de contato”, estas últimas sendo responsáveis por uma “catálise” que teria induzido a “variação herdada através da via genética”.

Dessa forma, introduzir o papel das línguas africanas nos debates sobre a autonomia das variedades do português requer estabelecer convergências e contrastes, a partir de diferentes perspectivas (formais, funcionais, sociolinguísticas, históricas *etc*), entre as marcas gramaticais presentes nessas línguas e as atestadas em variedades brasileiras e africanas do português. Para embasar uma agenda de pesquisas que consolide esse estabelecimento, um dos caminhos a ser trilhado é o sugerido em Lucchesi (2009: 33): observar a fala das comunidades rurais afro-brasileiras, que, por suas peculiaridades, “constituem um espaço único para a pesquisa em linguística sócio-histórica que visa a rastrear os reflexos do contato entre línguas na estrutura gramatical das variedades atuais do português brasileiro”, uma vez que os efeitos desse contato sobre a gramática do português brasileiro “seriam mais notáveis exatamente nessas comunidades, em função da combinação das condições históricas em que elas se formaram com o isolamento em que se conservaram até recentemente”.

O presente trabalho apresenta, nesse sentido, os primeiros resultados de um estudo sobre a observação de estruturas possessivo-existenciais na fala dos quilombolas de Muquém, comunidade rural situada no estado de Alagoas, em comparação com resultados obtidos em estudos sobre a fala carioca, previamente apresentados em Avelar (a sair). O objetivo é situar a produção de um tipo específico dessas estruturas (as que servem à expressão de tempo decorrente) dentro da questão relativa ao papel dos africanos e seus descendentes na fixação de marcas singularizadoras do português brasileiro. A comunidade quilombola de Muquém se localiza no município de União dos Palmares, aos pés da Serra da Barriga, sítio do Quilombo dos Palmares, dissolvido por completo entre o final do século XVII e início do XVIII. Atualmente composta por cerca de 500 habitantes, a comunidade foi oficialmente certificada como *quilombola* no ano de 2005.

A escolha por focar estruturas possessivo-existenciais se explica pelo fato de as construções com verbos que servem à expressão de posse e/ou existência (como *ter*, *haver* e *estar*) constituírem um domínio no qual têm sido observadas diferenças significativas entre o português brasileiro e o português europeu (Avelar 2009a, 2009b, 2009c). Dentre essas diferenças, destaca-se a emergência de *ter* como verbo existencial canônico do português brasileiro, em construções como as seguintes, apresentadas em Callou e Avelar (2002). Construções existenciais desse tipo não são usuais no português europeu, em que o verbo *haver* é a forma verbal canônica na expressão de existência.

- (1)
 - a. “*tinha* biscoitos na Colombo”
 - b. “quando eu fiz quinze anos, *teve* uma festa maravilhosa”
 - c. “aqui no Leblon *tem* o padre Zeca”
 - d. “*tem* bairros sensacionais fora de Salvador”

Quanto à opção por observar a fala dos quilombolas de Muquém, a escolha dessa comunidade resulta da expectativa de detectar padrões frásicos que possam lançar luz sobre a questão referida anteriormente: qual foi o papel dos africanos e seus descendentes diretos na emergência de propriedades do português brasileiro (no caso, a generalização de *ter* como verbo existencial)? Essa indagação pode ser relacionada, em linhas gerais, com o ponto de vista de Mattos e Silva (2002: 456), para quem a população de origem africana foi “o principal elemento difusor do português no Brasil”; ao abdicar de suas línguas, essa população “adquiriu a língua de dominação, reformatando-a profundamente”. Ainda de acordo com Mattos e Silva, “a reconstrução do passado do português brasileiro não pode deixar de estar atrelada ao conhecimento detalhado dos variados aspectos da história social no espaço brasileiro e dos avanços da atualidade das teorias de contato linguístico”.

Como será mostrado adiante, a fala dos quilombolas de Muquém mostra uma peculiaridade relacionada a um tipo de construção de base possessivo-existencial que funciona como *expressão de tempo decorrente* (doravante, ETDs), servindo para indicar o tempo decorrido entre um estado de coisas e um determinado ponto do eixo temporal (vejam-se, dentre outros, os trabalhos de Mória (1999), Paiva (2010) e Avelar (a sair)). Essas expressões vêm exemplificadas a seguir, com dados do Rio de Janeiro e de Muquém, respectivamente em (2) e (3): enquanto no dialeto carioca assistimos à variação entre *ter* e *haver* na produção dessas expressões, o que ocorre na fala dos quilombolas de Muquém é a variação entre *haver* e a locução *estar com*.

- (2) RIO DE JANEIRO
- a. “...eu moro aqui *há vinte e seis anos...*” (NURC-RJ/90 025)
 - b. “...*tem duas semanas* que a gente nem se fala...” (NURC-RJ/90 003)
- (3) MUQUÉM
- a. “[isso aconteceu] *há uns cento e cinquenta anos*, mais ou menos” (MQ F1)
 - b. “já *tá com uma porção de tempo* que tem a escola” (MQ F8)

A partir desse contraste entre as duas comunidades de fala, serão levantadas algumas questões a respeito do que pode estar por trás, em termos histórico-linguísticos, da variação entre *haver* e *ter/estar com* nas expressões de tempo decorrente, com destaque para a questão da influência africana sobre a formação de variedades do português brasileiro.

O trabalho se encontra dividido da seguinte forma: primeiramente, são apresentadas a metodologia e as questões que nortearam o desenvolvimento do estudo; abordam-se, em seguida, os aspectos da variação entre *ter* e *haver* em construções tipicamente existenciais e ETDs da fala carioca, bem como a variação entre *haver* e *estar com* nas ETDs da comunidade de Muquém, em comparação com o observado entre os dados do Rio de Janeiro; o trabalho é concluído com breves considerações a respeito da alternância entre *ter* e *estar com* em sentenças possessivo-existenciais do português brasileiro, refletindo sobre a importância de dados como os identificados em Muquém no desenvolvimento de estudos que procuram, em termos sincrônicos e diacrônicos, formalizar essa alternância.

Metodologia e questões

Os resultados apresentados neste trabalho foram obtidos pela observação de ETDs em amostras de fala da cidade do Rio de Janeiro e da comunidade de Muquém. As amostras do falar carioca compõem o acervo de inquéritos dos projetos NURC-RJ (Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro)¹ e CENSO-PEUL (Programa de Estudos do Uso da Língua)², abarcando informantes *com* e *sem* nível de instrução superior, respectivamente, entrevistados no intervalo das três últimas décadas do século XX. Da amostra de Muquém³, publicada em Moura (2009a), todos os inquéritos considerados foram produzidos com falantes sem nível superior, entrevistados no ano de 2007. Do total, levantaram-se 300 ETDs, a maioria (282) proveniente das amostras cariocas. Essa discrepância nos números se deve ao tamanho de cada amostra: enquanto a de Muquém conta

com apenas 14 informantes (número suficientemente significativo para uma comunidade com cerca de 500 habitantes), as duas do Rio de Janeiro contam, somadas, mais de 500 informantes, tendo sido utilizados neste trabalho apenas 80 inquéritos desse total (37 do NURC-RJ e 43 do CENSO-PEUL).

A descrição e a análise dos dados foram norteadas pelo que tem sido chamado de *sociolinguística paramétrica*, à luz do proposto em Tarallo e Kato (1989), que procuram conciliar a metodologia dos estudos variacionistas de base laboviana com pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros. Em linhas gerais, foi considerado que variações paramétricas (em particular, aquelas resultantes de diferenças entre as gramáticas internalizadas por falantes de uma mesma língua ou de línguas historicamente próximas) podem ser estudadas com base nos mesmos dispositivos metodológicos aplicados ao estudo quantitativo e qualitativo de variações intra e/ou extralinguisticamente condicionadas, nos moldes propostos em trabalhos como os de Labov (1972).

As expressões levantadas foram classificadas de acordo com a forma verbal que a constitui – *haver*, *ter* ou *estar com*. A descrição tomou por base apenas as frequências de cada forma verbal na realização das expressões, não havendo, neste momento, preocupação em identificar os fatores que condicionam a ocorrência de uma determinada forma.

As questões de fundo que orientaram a reflexão sobre os dados foram três: (a) que aspectos léxico-gramaticais permitem delimitar (sub)variedades do português brasileiro, (b) que papel deve ser atribuído ao contato com outras línguas na fixação dessas (sub)variedades e (c) que efeitos podem ser associados ao contato do português com línguas africanas na emergência de propriedades gramaticais do português brasileiro que não são atestadas no português europeu.

No que tange à primeira das três questões, os resultados que serão apresentados mostram que as ETDs de base possessivo-existencial podem ser um importante elemento na delimitação de (sub)variedades do português brasileiro. As respostas às segunda e terceira questões, contudo, serão mais especulativas: como veremos, os resultados sugerem, mas não confirmam, que os efeitos do contato do português com línguas africanas podem ter sido relevantes para a fixação de ETDs com *estar com* em Muquém.

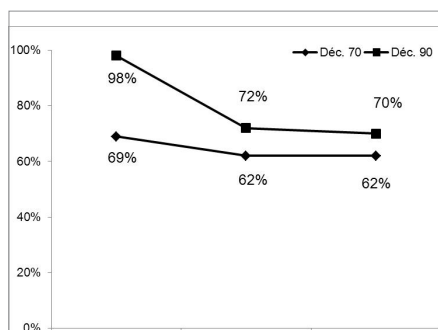
Sobre a variação entre *ter* e *haver* na fala carioca

As chamadas construções existenciais exibem um dos contrastes mais proeminentes entre o português brasileiro e o português europeu: enquanto o verbo existencial canônico do português europeu é *haver*, esse papel cabe, no português brasileiro, ao verbo *ter*. Callou e Avelar (2002, 2007) observam fatos na fala carioca que podem ser tomados como representativos do que ocorre em outras variedades do português brasileiro no tocante à variação entre os

dois verbos (Leite e Callou 2002). Entre os cariocas com nível de instrução superior, Callou e Avelar (2002) observam que, da década de 70 para a década de 90 do século XX, houve um aumento na frequência de *ter* entre falantes de três faixas etárias (faixa 1, com menos de 35 anos; faixa 2, entre 35 e 55 anos; e faixa 3, com mais de 65 anos), conforme ilustrado pela figura 1: na década de 70, *ter* era empregado em 69% das construções existenciais produzidas por falantes com nível superior da faixa 1 e em 62% das construções existenciais produzidas por falantes com o mesmo nível de instrução nas faixas 2 e 3; na de 90, a frequência de *ter* é ampliada em todas as faixas etárias, tornando-se praticamente categórico (98%) entre os falantes mais jovens.

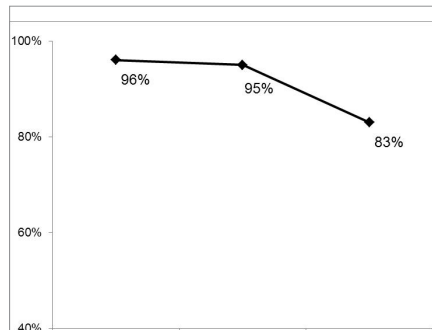
Callou e Avelar (2007) identificam um padrão similar entre os falantes sem nível superior, como ilustrado na figura 2. Vemos que, entre esses falantes, a frequência de *ter* fica em torno de 95% nas faixas 1 e 2, e em 83% na faixa 3. Apesar das diferenças no que diz respeito à frequência por faixa etária, esses números mostram que não há, quanto à variação entre *ter* e *haver*, qualquer sinal de polarização entre fala culta e fala popular na cidade do Rio de Janeiro nas décadas finais do século XX.

FIGURA 1



Frequência de *ter* (contra *haver*) entre falantes **com** nível superior da cidade do Rio de Janeiro, distribuídos por faixa etária, nas décadas de 70 e 90. Fonte: Callou e Avelar (2002).

FIGURA 2



Frequência de *ter* (contra *haver*) entre falantes **sem** nível superior da cidade do Rio de Janeiro, distribuídos por faixa etária, na década de 90. Fonte: Callou e Avelar (2007).

Outro tipo de dado que é importante no estudo da variação entre os dois verbos diz respeito às ETDs, que interessam diretamente ao presente trabalho. Em (4) e (5) a seguir, há exemplos de ETDs com *ter* e *haver*, respectivamente, extraídas das amostras de fala culta e fala popular do Rio de Janeiro.

(4) *ter* em ETDs da fala carioca

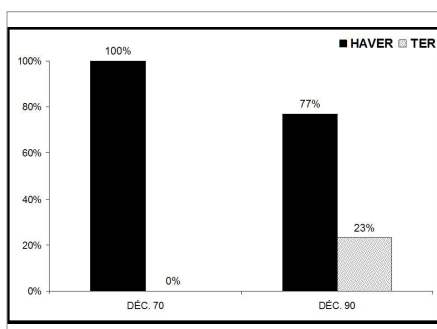
- a. "...já **tem** uns dois anos que minha mãe não trabalha..." (NURC-RJ/90 003)

- b. “...**tem** duas semanas que a gente nem se fala...” (NURC-RJ/90 003)
 - c. “...já **tem** cinco anos que ela morreu...” (CENSO/00 18)
 - d. “...**tem** quase uns quatro ano que eu não sei que que é a praia...” (CENSO/80 06)
 - e. “...aqui nessa casa eu moro **tem** trinta e um ano...” (CENSO/80 36)
 - f. “...o Garotinho, ele entrou **tem** oito meses...” (CENSO/80 18)
- (5) *haver* em ETDs da fala carioca
- a. “...**há** coisa de um mês eu fui comprar roupa...” (NURC-RJ/Rec 096)
 - b. “...eu passei lá **há** poucos dias...” (NURC-RJ/Rec 347)
 - c. “...eu moro aqui **há** vinte e seis anos...” (NURC-RJ/90 025)
 - d. “...**há** muitos anos atrás (...) custava cem dólares...” (NURC-RJ/90 27)
 - e. “...se conhecemos **há** pouco tempo...” (CENSO/80 42)
 - f. “...**há** muito tempo que eu não tenho tido contato com ela...” (CENSO/80 4)
 - g. “...**há** dois anos seguidos que eu vou pra Petrópolis...” (CENSO/80 22)

As ETDs estão, dessa forma, na contramão do que se costuma atestar em outros contextos de alternância entre os dois verbos na fala carioca: ao contrário do que se observa, por exemplo, entre as existenciais, o verbo *haver* ainda predomina sobre *ter* na realização das ETDs produzidas pelos cariocas.

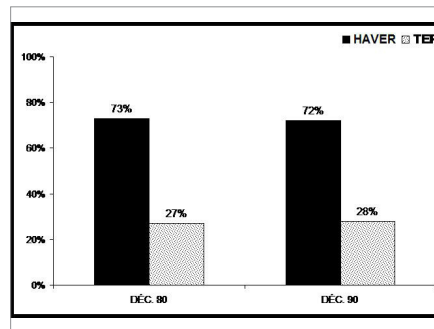
Os resultados são ainda mais interessantes quando se considera a escolaridade dos falantes: entre aqueles sem curso superior, os números indicam uma variação estável entre *ter* e *haver* no interior das ETDs, enquanto entre aqueles com curso superior, os números são indicativos, à primeira vista, de um processo de mudança. Os gráficos a seguir ilustram os percentuais de ocorrência nos dois grupos de falantes. Entre aqueles com alto grau de instrução, conforme a figura 3, a frequência das ETDs com *haver* (doravante, ETDs-*haver*) cai de 100% para 77% entre as décadas de 70 e 90, enquanto as ETDs com *ter* (doravante, ETDs-*ter*), que não foram identificadas na década 70, chegam a 23% das ocorrências na de 90. Entre os falantes sem curso superior, conforme a Figura 4, a frequência de cada ETD praticamente não se altera entre os dois períodos considerados.

FIGURA 3



Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos **com** curso superior, nas décadas de 70 e 90. Fonte: Avelar (2011).

FIGURA 4

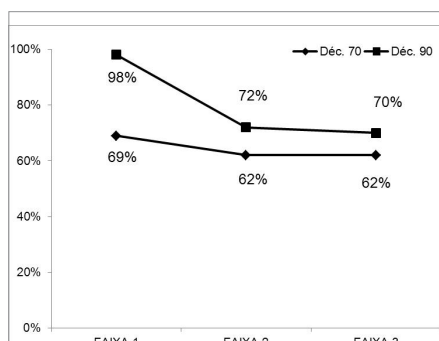


Frequências das ETDs com *ter* e *haver* na fala carioca, entre indivíduos **sem** curso superior, nas décadas de 80 e 90. Fonte: Avelar (2011).

Esses números indicam que a variação entre os dois tipos de ETD é estável no grupo de falantes sem curso superior, mas sugerem, por outro lado, que, no grupo daqueles com curso superior, a emergência das ETDs-*ter* é recente, passível de ser caracterizada como reflexo de alguma mudança em progresso. As frequências atestadas por faixa etária para os indivíduos com nível superior, apresentadas na figura 5 adiante, corroboram essa ideia: as curvas de frequência entre os três grupos etários desses indivíduos mostram o percentual de *haver* mantendo-se em 100% para os falantes da terceira faixa de uma década para outra, mas caindo para 77% entre aqueles da primeira faixa, e para 86% entre os da segunda (entre 36 e 55 anos). A curva da década de 90 é, dessa forma, sugestiva de um processo de mudança na fala culta carioca, o que só poderá ser confirmado pelo acompanhamento da variação nos anos seguintes dentro da mesma comunidade de fala.

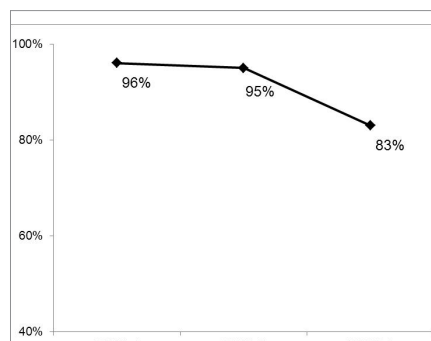
Entre os falantes sem nível superior, a distribuição por faixa etária indica uma variação estável, conforme a figura 6: na primeira década, os falantes da faixa 2 apresentam um percentual (93%) de ocorrência das ETDs-*haver* bem maior que os falantes da faixa 1 (60%) e da faixa 3 (75%); na segunda década, os percentuais de frequência não mostram diferenças significativas entre as três faixas etárias, variando entre 67% na faixa 1 e 75% na faixa 3. Não é claro o porquê de a frequência das ETDs-*haver* ter caído de 93% para 72% entre os indivíduos sem curso superior da faixa 2. Essa queda, contudo, não foi significativa para o cômputo geral das frequências, que mostram percentuais praticamente idênticos nas duas décadas (ver figura 4) para os dois tipos de ETD entre os indivíduos sem curso superior.

FIGURA 5



Frequências das ETDs com *haver* (contra *ter*) na fala carioca, entre indivíduos com curso superior distribuídos por faixa etária, nas décadas de 70 e 90. Fonte: Avelar (2011).

FIGURA 6



Freqüência de *ter* (contra *haver*) entre falantes sem nível superior da cidade do Rio de Janeiro, distribuídos por faixa etária, na década de 90. Fonte: Callou e Avelar (2007).

Independentemente da explicação a ser oferecida para esses números, a (talvez aparente) mudança em progresso sugerida pela curva da década de 90 na figura 5 mostra, quanto à variação entre os dois verbos, uma tendência à redução da polarização entre fala culta e fala popular no Rio de Janeiro, com falantes cultos assumindo, na década de 90, o mesmo padrão de variação observado entre aqueles sem nível de instrução superior.

Cumprе ressaltar que, entre as ETDs no presente do indicativo identificadas na fala carioca, *haver* parece ter perdido o estatuto de verbo, passando a funcionar como um item prepositivo especializado na indicação de tempo decorrido. Os testes apresentados em Avelar (a sair) mostram que a mesma propriedade não pode ser atribuída a *ter*. Se essa análise estiver correta, a variação atestada não resulta, a rigor, da alternância entre duas formas verbais, mas entre dois padrões estruturais distintos (um nominal, realizado com *haver*, e outro verbal, realizado com *ter*) que servem à expressão de tempo decorrente.

As ETDs na fala dos quilombolas de Muquém

Entre os dados observados na amostra de Muquém, *ter* também é o verbo existencial canônico, da mesma forma que o observado na fala carioca e em outras variedades do português brasileiro (Leite e Callou 2002). À primeira vista, esse fato sugere que os dados de Muquém nada têm a dizer sobre o papel que teriam desempenhado os africanos e afrodescendentes na fixação de marcas singularizadoras do português brasileiro, uma vez que o comportamento dos falantes dessa comunidade é idêntico ao observado em tantas outras comunidades de fala brasileiras.

Contudo, se nos detivermos apenas sobre as ETDs produzidas pelos falantes de Muquém, temos um quadro diferenciado em comparação com o atestado no falar carioca: entre essas expressões, *haver* não varia com *ter*, mas com a locução *estar com*, como nas construções a seguir.

- (6) *estar com* em ETDs de Muquém
- a. “**tá com** uns dois anos que a professora ensina aqui” (MQ F10)
 - b. “ele faleceu **tá com** quatro anos” (MQ F11)
 - c. “os Quilombo, **tá c’uns... tá cum** trezentos e ói... **tá cum** trezentos e quatro ano que acabou-se os nego da Serra da Barriga” (MQ F4)
 - d. “já **tá com** uma porção de tempo que tem a escola” (MQ F8)
 - e. “...**tô com** oito dia que tô estudano...” (MQ F12)
 - f. “...já terminou já os estudo **tá com** seis ano...” (MQ F13)
 - g. “nós faz parte do quilombola **tá com** um faixa dum – vai fazer uns dez anos” (MQ F13)
 - h. “eu **tô com** sete ano que aleijei” (MQ F4)
 - i. “**tô com** sessenta pa setenta ano que eu tô aqui” (MQ F4)
- (7) *haver* em expressões de decorrência temporal na fala dos quilombolas
- a. “foi o Neo do reggae que trouxe a capoeira pra cá **há** muito tempo” (MQ F9)
 - b. “isso aproximadamente **há** cento e cinquenta anos atrás, aonde esse casal casaram e tiveram filho” (MQ F1)
 - c. “já pensou nego com terra **há** cem anos atrás – **há** cento e cinquenta anos atrás?” (MQ F1)
 - d. “[isso aconteceu] aproximadamente **há** uns cento e cinquenta – **há** uns cento e cinquenta ano, eu digo mais ou menos – **há** uns cento e cinquenta anos” (MQ F1)

A locução *estar com*, que não foi detectada entre as ETDs da fala carioca, ocorreu em 11 (61%) das 18 ETDs encontradas na amostra de Muquém, contra 7 (39%) de casos com *haver*. Uma vez que a quantidade de dados por faixa etária é, na amostra de Muquém, bastante pequena, não foi possível desenvolver uma análise na linha daquela apresentada por Avelar (a sair) para a fala carioca. Contudo, chama a atenção o fato de, ao contrário do observado na capital fluminense, *haver* não ser o verbo predominante entre as ETDs possessivo-existenciais, mas a locução *estar com*. Vale ressaltar que, das 7 ETDs com *haver*, 6 foram identificadas na fala de um mesmo indivíduo (o informante F1, com 43 anos à época da entrevista), o que confirma a baixa produtividade desse verbo dentro da comunidade.

Frente aos dados de Muquém, é plausível a hipótese de que os verbos em alternância na produção de ETDs é uma marca delimitadora de (sub)variedades do português brasileiro. Resta saber se o emprego de *estar com* (e a ausência de *ter*) em ETDs é um fato restrito a Muquém, ou se estamos diante de um quadro que é compartilhado por outras localidades do nordeste brasileiro ou, até mesmo, de outras regiões do país. Se a confirmação for no sentido de que se trata de uma particularidade da fala de Muquém, podemos jogar com a

hipótese de que o emprego de *estar com* está linguisticamente atrelado à história da comunidade, reconhecida como remanescente de um quilombo. Pelo menos dois procedimentos são necessários, embora não suficientes, para confirmar essa hipótese: um deles é olhar para as propriedades das construções de base possessivo-existencial no grupo das línguas africanas que entraram no Brasil; o outro é observar a fala de outras localidades para saber se a propriedade linguística relevante se restringe a Muquém ou se também é registrada em regiões cujo histórico demográfico possa ser comparado e contrastado com o da comunidade quilombola.

Sobre o primeiro procedimento, que é observar as propriedades das construções possessivo-existenciais nas línguas faladas em regiões de onde proveio a maior parte dos africanos trazidos para o Brasil, há um dado interessante. Em línguas como o quimbundo, apontada, ao lado do umbundo e do quicongo, como uma das faladas pela maior parte dos escravos introduzidos na América portuguesa, não há um verbo inerentemente possessivo ou existencial. Tanto as orações existenciais quanto as possessivas são, em quimbundo, construídas a partir de uma forma verbal copular seguida de um morfema adposicional com interpretação comitativa, resultando na expressão *-ala ni*, que equivale literalmente à locução *estar com* do português. Sentenças existenciais com essa expressão, exemplificadas em (8)-(9) a seguir, são traduzidas para o português brasileiro geralmente por construções com *ter* ou *haver*.⁴ Em (10)-(11), temos expressões possessivas com a mesma locução, que podem ser traduzidas para o português brasileiro por construções com *ter* ou *estar com*.⁵

- (8) Mu njibela mu*ala ni* kitadi? Lit.: No bolso tá com dinheiro?
'No bolso *há/tem* dinheiro?'
- (9) Ku 'nzo ié *kuala ni* ndenge Lit.: Na tua casa tá com criança?
'Na tua casa *há/tem* criança?'
- (10) Ngala *ni* poko.
'*Tenho/Estou com* uma faca.'
- (11) Muene *uala ni* uhaxi.
'Ele *tem/está com* uma doença.'

Embora permita aventar que as ETDs com *estar com* identificadas em Muquém tenham alguma relação com as construções possessivo-existenciais de línguas como o quimbundo, o paralelismo observado não é suficiente para validar essa hipótese. Esse paralelismo nos obriga, contudo, a manter a hipótese em nosso horizonte de possibilidades, pelo menos enquanto não surgir uma explicação para a origem das ETDs com *estar com* (veja-se, a esse respeito, o trabalho de Araújo (2008) em torno de paralelismos entre as expressões possessivas do português brasileiro e de algumas línguas bantas). Em estudos futuros, será

preciso observar, por exemplo, se ETDs com *estar com* aparecem em outras comunidades rurais afro-brasileiras e/ou em variedades do português emergentes em países como Angola e Moçambique.

No que diz respeito à ocorrência de *estar com* em ETDs produzidas por falantes de outras comunidades de fala, observações assistemáticas sobre dados identificados na amostra do PROFALA⁶, com falantes do Ceará, mostram que as ETDs com *estar com* não estão restritas aos falantes de Muquém. Os casos a seguir, levantados dessa amostra, revelam que, além de *ter* e *haver*, falantes cearenses também empregam *estar com* em ETDs.

- (12) *estar com* em ETDs obtidas em amostras do falar cearense
- a. já faz mais de vinte anos que:: tem a escola de samba' agora que eu participo tá com oito anos mais ou menos (PROFALA-Várzea Alegre/CE, informante AAMN, ficha social 77)
 - b. tá com quatro ano [que eu casei] (PROFALA-Crato/CE, informante AFS, ficha social 55)
 - c. tá com dez anos que moro aqui (PROFALA-Crato/CE, informante VLNS, ficha social 69)
 - d. tá cum bucado de tempo já [que eu faço parte desse time] (PROFALA-Sítio Estrela/CE, informante LFS, ficha social 92)

Parece, assim, *haver* pelo menos três padrões de variação para as formas verbais licenciadas em ETDs de base possessivo-existencial do português brasileiro: o padrão carioca, que mostra a alternância entre *haver* e *ter*; o padrão da fala de Muquém, que mostra a alternância entre *haver* e *estar com*; e o padrão identificado no Ceará, que mostra a ocorrência de ETDs com *haver*, *ter* e *estar com*. É possível que outras localidades mostrem outros padrões (por exemplo, a variação entre *ter* e *estar com*) ou, até mesmo, um comportamento similar ao da fala culta carioca na década de 70, em que só o verbo *haver* era empregado entre as ETDs possessivo-existenciais.

Cabe, diante dessas possibilidades de variação, a seguinte pergunta: o que os dados de Muquém tem a nos dizer sobre o processo que, na formação de variedades do português brasileiro, teria resultado no emprego generalizado de formas verbais possessivas (*ter* e *estar com*) em orações impessoais? Essa questão será abordada na seção a seguir.

Sobre *ter* e *estar com* em construções possessivo-existenciais

Adotando propostas como as de Freeze (1992) e Kayne (1993) em torno de verbos que servem à expressão de posse, Avelar (2009b) propõe que, nas construções possessivas e existenciais do português brasileiro, o verbo *ter* resulta da fusão de traços gramaticais abstratos codificados em dois morfemas: um morfema

copulativo, que abarca os traços subjacentes ao verbo *estar*, e um morfema adposicional, que abarca os traços subjacentes à preposição **com**. Quando esses morfemas sofrem fusão no decurso da derivação sintática, resultam na realização de *ter*; se permanecem morfossintaticamente independentes, resultam na realização de *estar com*.

Em termos semântico-discursivos, a principal diferença entre *ter* e *estar com* parece ser de ordem aspectual: a relação de posse expressa por *estar com* é naturalmente interpretada como transitória ou recentemente adquirida, enquanto a expressa por *ter* não é marcada quanto a essa propriedade. O contraste observado entre as construções a seguir evidencia essa diferença: a construção em (13b), com *estar com*, só é possível quando empregada para indicar, por exemplo, uma situação em que o seu enunciador esteja usando uma lente de contato que altera a cor dos olhos, enquanto a construção em (13a) indica que *azul* é a cor natural dos seus olhos. Similarmente, a construção em (14a) é mais facilmente associada a uma paráfrase como *Sou rico* do que a construção em (14b).

- (13) a. Tenho olhos azuis.
b. Estou com olhos azuis.

- (14) a. Tenho dinheiro.
b. Estou com dinheiro.

Avelar (2009b) argumenta que não apenas as construções possessivas, mas também as existenciais com *ter* são derivadas da estrutura que subjaz às construções com *estar com*, dado o fato de que essa locução também pode ser empregada em construções impessoais que servem à expressão de existência, como em (15) a seguir. O mais interessante é que, assim como as existenciais com *ter*, as existenciais com *estar com* não são usuais no português europeu, o que sugere *haver*, no português brasileiro, alguma relação entre a emergência de *ter* como verbo existencial canônico e a possibilidade de construções existenciais com *estar com*.

- (15) a. Na hora do assalto *tava com / tinha* mais de dez policiais dentro do banco.
b. Naquela locadora *tá com / tem* filmes ótimos em promoção.
c. No meu prédio *tá com / tem* apartamento pra alugar.

O trabalho de Avelar não traz, contudo, considerações sobre os possíveis aspectos extralinguísticos que estariam na base dessa inovação léxico-sintática do português brasileiro. Se levarmos em conta a ideia de Lucchesi (2009: 33) segundo a qual as comunidades rurais afro-brasileiras abrigam “reflexos do

contato entre línguas na estrutura gramatical das variedades atuais do português brasileiro”, a ocorrência de ETDs com *estar com* no lugar daquelas com *ter* na fala de Muquém pode ser o resquício de mudanças desencadeadas por contato que teriam, em sua origem, provocado a atribuição de valor existencial a estruturas inerentemente possessivas. Se essa hipótese estiver correta, o emprego de *ter* e *estar com* como formas que servem à expressão de existência pode ser tratado como o resultado das dinâmicas de contato interlinguístico, com certos padrões estruturais das línguas africanas (em particular, de línguas bantas como o quimbundo) entrando para as variedades do português brasileiro em formação, por meio do processo que tem se convencido chamar de *transmissão linguística irregular*, no sentido proposto em Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009). Em outras palavras, a base morfossintática para as expressões possessivo-existenciais mais comumente encontradas em variedades do português brasileiro seria, em termos diacrônicos, estruturas como as do quimbundo construídas em torno da locução *-ala ni*. Para validar essa hipótese, será preciso, em estudos futuros, explicar por que certas variedades (como a carioca) fixaram o emprego de *ter* entre as ETDs, enquanto outras, como Muquém, optaram por preservar a locução *estar com* (que equivale à tradução literal de *-ala ni*) entre essas expressões.

Conclusão

O conjunto dos dados observados indica que o item verbal selecionado para as construções existenciais que servem às ETDs é um fator de diferenciação entre variedades do português brasileiro. Os dados observados não são, entretanto, conclusivos quanto à ideia de que a produção de ETDs com *estar com* seja um resquício do contato com línguas africanas. Contudo, o evidente paralelismo entre *estar com* e a locução verbal empregada em orações possessivo-existenciais de línguas como o quimbundo (*-ala ni*) justifica um investimento maior na verificação dessa hipótese. A sua validação requer, nesse sentido, um esforço voltado à busca de elementos que permitam relacionar a história da ocupação populacional de uma determinada localidade ou região aos efeitos linguísticos resultantes dessa ocupação, com o objetivo de elencar os fatores que conduziram à fixação de macro ou microvariedades do português brasileiro, bem como observar variedades do português africano emergentes em países como Angola e Moçambique. Considerando alguns aspectos formais e sociolinguísticos da alternância entre *ter* e *estar com* no português brasileiro, a continuidade deste estudo poderá, em etapas posteriores de investigação, revelar que os dados de Muquém refletem estágios do processo de mudança linguística (e sua consequente difusão por todo o território brasileiro) que culminou no uso generalizado do possessivo *ter* em construções existenciais.

Notas

- 1 Os inquéritos do projeto NURC-RJ estão disponíveis em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>. Foram utilizadas as entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador), das seguintes amostras: *Década de 70* (inquéritos 002, 011, 052, 071, 096, 133, 140, 164, 233, 347 e 373), *Recontato na Década de 90* (inquéritos 002, 011, 052, 071, 096, 133, 140, 164, 233, 347 e 373) e *Amostra Complementar da Década de 90* (inquéritos 001, 002, 003, 012, 013, 014, 015, 017, 018, 019, 020, 023, 025, 027 e 028). Os dados extraídos desses inquéritos estão aqui identificados pelo nome do projeto (NURC-RJ) e especificidade da amostra (70, 90, Rec), seguidos do número do inquérito.
- 2 Os inquéritos das amostras CENSO/PEUL estão disponíveis em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amfala.html>. Foram utilizados os seguintes: *Amostra Censo 1980* (inquéritos 03, 04, 06, 10, 18, 26, 32, 33, 35, 36, 42, 43, 45 e 48), *Amostra Censo 2000* (inquéritos 06, 08, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30 e 32) e *Amostra Censo com Indivíduos Recontactados em 2000* (inquéritos 06, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16). Os dados extraídos desses inquéritos estão aqui identificados pelo nome da amostra (CENSO/80, CENSO/00, CENSO/REC), seguido do número do inquérito.
- 3 Os inquéritos da amostra de Muquém (Moura, 2009b) estão disponíveis em <http://www.fale.ufal.br/projeto/prelin>. Os dados dessa comunidade estão aqui identificados pela abreviação MQ, seguida do número do inquérito. A amostra utilizada no levantamento dos dados integra a coleção de inquéritos organizada pela Profa. Denilda Moura, da Universidade Federal de Alagoas, sob o título *Resquícios de Palmares – o que uma comunidade quilombola nos diz*. A coleção é composta de entrevistas realizadas em 2007 com 14 indivíduos entre 15 e 89 anos de idade, que nasceram e residiam em Muquém por ocasião da entrevista e/ou viveram a maior parte de suas vidas dentro dessa comunidade. Foram utilizados todos os inquéritos da amostra, com exceção do realizado com o informante F6, que apresenta nível superior completo.
- 4 As construções em (9) e (10) foram extraídas de <http://www.linguakimbundu.com/index3.html>, acessado em janeiro de 2010.
- 5 As construções em (11) e (12) foram extraídas da *Grammatica Elementar do Kimbundu Ou Lingua de Angola* (1889: 8), de Heli Chatelain. Chatelain (1888/89: 12) destaca que o quimbundo tem um verbo invariável (*sai*) que pode ser usada como existencial (quando impessoal) ou possessivo (quando pessoal): *Sai jisanji* (= Há galinhas) / *Eme sai sanji* (= Tenho uma galinha). A sintaxe desse verbo lembra a de *ter* no português brasileiro, que também pode assumir um valor possessivo ou existencial, a depender de ser pessoal ou impessoal, respectivamente.
- 6 Os inquéritos da amostra do PROFALA estão disponíveis em <http://www.profala.ufc.br/tabela1.htm>.

Referências bibliográficas

Araújo, P. J. Pilar (2008) “*Estar com*” línguas bantas (LBs) no português do Brasil (PB): possíveis aproximações entre LBs e PB a partir de uma extensão metafórica de posse’. [s.ed.] Anais do I SIMELP – *Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa* [16pp.] (<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp36/08.pdf> [15/11/2011]).

Avelar, J. (2009a) ‘On the emergence of TER as an existential verb in Brazilian Portuguese’. Em P. Crisma e G. Longobardi (eds.) *Historical Syntax and Linguistic Theory*. Pp. 158 - 175. Oxford: Oxford University Press.

–. (2009b) ‘The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese’. Em J. Nunes (ed.) *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Pp. 139 - 160. Amsterdam: John Benjamins.

-. (2009c) 'On the status of the (supposed) expletive in Brazilian Portuguese existential clauses'. Em D. Tork e L. Wetzel (eds.) *Romance Language and Linguistic Theory* 2006. Pp. 17 - 32. Amsterdam: John Benjamins.

-. (a sair) 'Expressões com tempo decorrente com ter e *haver* na fala carioca'. *Diadorim*, Vol. 8.

Avelar, J. e S. Cyrino (2008) 'Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma posição contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro'. *Linguística*, Vol. 3: 218 - 249.

Avelar, J., S. Cyrino e C. Galves (2009) 'Locative inversion and agreement patterns'. Em M. Petter e R. B. Mendes (eds.) *Proceedings of the Special Wocal: Exploring the African language connection in the Americas*. Pp. 207 - 221. São Paulo: Humanitas.

Barbosa, A. Gonçalves, C. R. dos Santos Lopes e D.M.I. Callou (eds.) (s.d.) 'Projeto Norma Linguística Urbana Culta - RJ' (<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/home.htm> [13/10/2011]).

Callou, D. e J. Avelar (2002) 'Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil'. *Gragoatá*, Vol. 9: 85 - 100.

-. (2007) 'Gramática e variação no português brasileiro'. Em M. Lobo e M. A. Coutinho (eds.) *Textos selecionados - XXII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Pp. 183 - 197. Lisboa: Colibri (<http://www.apl.org.pt/docs/actas-22-encontro-apl-2006.pdf> [04/10/2011]).

Chatelain, H. (1889) *Grammatica elementar do Kimbundu ou língua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt.

Freeze, R (1992) 'Existential and other locatives'. *Language*, Vol. 68: 553 - 595.

Kayne, R. (1993) 'Toward a modular theory of auxiliary selection'. *Studia Linguistica*, Vol. 47: 3 - 31.

Labov, W. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Leite, Y. e D. Callou (2002) *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lucchesi, D. (2009) 'Introdução'. Em D. Lucchesi, A. Baxter e I. Ribeiro (2009) *O Português Afro-Brasileiro*. Pp. 27 - 37. Salvador: EDUFBA.

Lucchesi, D., A. Baxter e I. Ribeiro (2009) *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA.

Móia, T. (1999) 'Semântica das expressões temporais com HAVER'. Em A.C. Lopes Macário e C. Martins (eds.) *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998)*, vol. 2. Pp. 219 - 238. Braga: Associação Portuguesa de Linguística (http://www.apl.org.pt/docs/actas-14-encontro-apl-1998_vol2.pdf [03/10/2011]).

Moura, D. (2009a) *Resquícius de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz*. Maceió: edUFAL.

Moura, D. (2009b) 'Comunidade quilombola Muquém, União dos Palmares – Alagoas: Entrevistas com 14 moradores, em 2009' (http://www.fale.ufal.br/projeto/prelin/escrita/Denilda%20Moura/MUQUEM_-...rar [13/10/2011]).

Naro, A. e M. Scherre. 2007. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.

Negrão, E. e E. Viotti (2008) 'Estratégias de impessoalização no português brasileiro'. Em J. L. Fiorin e M. Petter (eds.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. Pp. 179 - 203. São Paulo: Contexto.

Pagotto, E. (2007) 'Crioulo sim, crioulo não: uma agenda de problemas'. Em A. Castilho, M. A. Torres Moraes, S. Cyrino e R. Lopes (eds.) *Português Brasileiro: descrição, história e aquisição*. Pp. 461 - 482. Campinas: Pontes.

Paiva, M. S. (2010) *Há muito tempo atrás – Um estudo sobre HAVER + nome com valor temporal*. Dissertação de Mestrado (Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ.

Petter, M. T. (2009) 'O continuum afro-brasileiro do português'. Em C. Galves, H. Garmes e F. R. Ribeiro (eds.) *África-Brasil – caminhos da língua portuguesa*. Pp. 158 - 173. Campinas: Editora da Unicamp.

PROFALA (ed.) (s.d.) 'Variação e processamento da fala e do discurso: análises e aplicações – PROFALA' (<http://www.profala.ufc.br/tabela1.htm> [13/10/2011]).

Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (ed.) (s.d.) 'Amostras de fala' (<http://www.lettras.ufrj.br/peul/amfala.html> [13/10/2011]).

Silva, R. V. Mattos e (2002) 'Para a história do português culto e popular brasileiro'. Em T. Alkmim (ed.) *Para a história do português brasileiro*, Vol. III. Pp. 443 - 464. São Paulo: Humanitas.

Silva Neto, S. (1977) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença.

Tarallo, F. e M. Kato (1989) 'Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra linguística'. *Predição*, Vol. 6: 1 - 41.